
A FIGURA FEMININA NA “SEMANA LITERÁRIA”, DE MACHADO DE ASSIS

The feminine figure in “Semana Literária”, by Machado de Assis

Dayane Mussulini¹

RESUMO: Uma das temáticas recorrentes na obra de Machado de Assis é a presença da figura feminina, o que fornece matéria para inúmeros estudos que tentam compreender o pensamento machadiano acerca da mulher. Como sabemos, a ironia e o humor eram características marcantes de sua escrita, fazendo com que nem sempre seu posicionamento sobre determinado assunto seja percebido de maneira clara. Era o que acontecia, por exemplo, a respeito de suas posições políticas. É comum associarmos a juventude machadiana aos ideais liberais, ao passo que sua idade madura é reconhecida pela sua guinada conservadora. No entanto, em artigo publicado na sua coluna de 1866, “Semana Literária”, estampada nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, o autor se mostra, aparentemente, a favor da manifestação feminina na literatura, indo na contramão de muitos dos nossos ilustres escritores, que, em suas próprias palavras, acreditavam que deviam “excluir as mulheres dos exercícios literários”. Pretendemos, portanto, a partir de uma leitura dessa seção de crítica literária, analisar quais eram as concepções de Machado de Assis acerca da mulher e do fazer literário.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; crítica literária; representação feminina na imprensa; “Semana Literária”.

RÉSUMÉ : La présence de la figure féminine est l’une des thématiques récurrentes chez Machado de Assis, ce qui fournit matière à nombreuses études essayant de comprendre sa pensée par rapport aux femmes. Comme l’on le sait, l’ironie et l’humour étaient des traits caractéristiques dans son écriture, ne faisant pas toujours clairement percevoir son point de vue sur certain sujet. C’était ce qui arrivait, par exemple, à propos de ses positions politiques. Il est commun d’associer la jeunesse de Machado aux idéaux libéraux, alors que son âge mûr est reconnu par son virage conservateur. Cependant, dans l’article publié dans sa chronique de 1866, “Semaine Littéraire”, imprimé sur les pages du *Diário do Rio de Janeiro*, l’auteur brésilien se montre apparemment à l’avantage de la manifestation féminine dans la littérature, contrairement à l’opinion de beaucoup d’écrivains nationaux de cette époque-là, lesquels, selon Machado, croyaient qu’il fallait “exclure les femmes des exercices littéraires”. L’on prétend, donc, à partir

¹ Doutoranda da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis.

de la lecture de cette section de critique littéraire, analyser les conceptions de Machado de Assis concernant les femmes et l'écriture littéraire.

MOTS-CLÉS : Machado de Assis ; critique littéraire ; représentation féminine dans la presse ; “Semana Literária”.

INTRODUÇÃO: MACHADO DE ASSIS CRÍTICO LITERÁRIO

Durante os mais de 50 anos de sua carreira de escritor, Machado de Assis dedicou-se à crítica literária, praticada, primordialmente, na imprensa periódica de seu tempo. Compostos com paixão e fervor, seus três primeiros artigos críticos datam de 1856 e foram publicados na *Marmota Fluminense*, os quais discutiam, respectivamente, a poesia, o teatro e a oratória, as principais preocupações do jovem autor.

Desses textos iniciais para os seguintes, percebemos uma mudança reveladora, sobretudo no que se refere ao tom empregado, capaz de demonstrar o constante processo de reflexão acerca da literatura e da crítica literária realizadas no Brasil, no qual se concentraria até o final de sua vida.

Seus textos críticos, contudo, não obedecem a uma regularidade nem cronológica, nem formal, fazendo com que muitos de seus estudiosos afirmem que Machado de Assis tenha desistido do ofício nos anos finais de sua carreira. Se nos anos iniciais, o autor escrevia artigos e ensaios de crítica literária na imprensa periódica, com o passar do tempo, foi experimentando outros gêneros e outras formas de fazer crítica, por meio de suas crônicas, de discursos proferidos em cerimônias e na Academia Brasileira de Letras, de suas cartas e prefácios, quando não em meio aos seus romances.

A preocupação com o amadurecimento da literatura nacional, entretanto, nunca deixou de existir. E para que ocorresse, o segredo estava, em sua concepção, na existência de uma crítica literária capaz de corrigir os vícios dos escritores e o mal gosto do público, de forma a construir um clima intelectual, fazendo aparecer cada vez mais escritores e obras, além de ampliar o número de leitores locais, ainda muito escasso, devido aos elevados índices de analfabetismo no país.

Em 1865, escreveu “Ideal do crítico” no *Diário do Rio de Janeiro*, onde elencou várias das atividades e virtudes que pensava ser ideais para o crítico literário, bem como expôs a sua crença na crítica enquanto a única responsável pelo desenvolvimento maduro da literatura nacional. A partir desse artigo, é possível notar um esforço machadiano para colocar em prática os ensinamentos que ele próprio proferiu, evidenciado, em especial, na

coluna “Semana Literária”, iniciada meses após a publicação do “Ideal do crítico”.

Dessa forma, a seção de crônicas, além de ter sido um importante espaço para a elaboração de sua escritura crítica, foi também um lugar em que apareceram alguns comentários acerca da autoria feminina, o que era, como se deve imaginar, uma prática pouco usual entre os críticos brasileiros.

A mulher era uma figura constante na produção literária de Machado de Assis. Inúmeros são os trabalhos que dão conta de analisar os tipos femininos recorrentes em suas obras: viúvas, mães de família, solteiras, jovens casadoiras; quase todas com tamanha esperteza e audácia que causavam espanto devido à opressão que recaía às mulheres oitocentistas. Não diferente, portanto, aconteceu na “Semana Literária”, quando Machado se posicionou favoravelmente à permanência feminina nas letras brasileiras, contrariando alguns colegas de profissão.

A FIGURA FEMININA NA “SEMANA LITERÁRIA”

O “Ideal do crítico” é composto por vários conselhos de Machado de Assis àqueles que desejavam desempenhar tal função, fundamental, a seus olhos, para o amadurecimento pleno da literatura brasileira. Dessa forma, o escritor fluminense desenhava aos poucos o perfil que ele considerava imprescindível para esse ofício; isto é, alguém capaz de analisar a obra literária com profundidade, coerência e imparcialidade, sem levantar bandeiras sejam pessoais ou ideológicas. O crítico, sendo assim, não poderia exaltar um autor ou um texto por compadrio, pois sua tarefa era nobre e séria, uma vez que sobre ele recaía a responsabilidade de tornar a literatura fecunda e constante em nosso meio, e não algo tímido e esparso, como acontecia até então.

Apenas três meses após teorizar acerca do papel do crítico e diagnosticar a sua pertinência em solo brasileiro, Machado inaugurou sua coluna “Semana Literária”. Tratava-se de exercitar aquilo que ele próprio havia indicado no artigo de 1865, conforme notamos com a crônica de abertura dessa seção. Nela, o autor explicitou a sua intenção de promover um espaço destinado à crítica literária das produções nacionais, na defesa de que ela era o remédio necessário para curar o mal que assolava nossa literatura.

A “Semana Literária”, assim, durou cerca de sete meses: iniciou no dia 9 de janeiro de 1866 e se encerrou, de modo súbito, no dia 31 de julho do mesmo ano. Saía nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* toda terça-feira

e normalmente vinha com a assinatura de “Machado de Assis”. Durante a sua existência, também havia outras colunas no jornal que se intitulavam no mesmo estilo: “Semana Política” e “Semana Judiciária”, assinadas pelo então redator principal Quintino Bocaiúva, “Semana Financeira” e “Semana Comercial”, assinadas pelo S. Belfort (Sebastião Gomes da Silva Belfort) e “Semana Estatística”, assinada por Amaral Tavares. Todas as “Semanas” deixaram de ser publicadas em concomitância.

Os artigos que compunham a coluna machadiana eram divididos entre crítica literária, abarcando as produções em prosa e em verso, e crítica teatral, ocupada de comentar as peças dramáticas e as comédias publicadas e/ou encenadas naquele tempo.

O objetivo primordial da seção era, então, comentar as recentes publicações de escritores brasileiros. Observamos nos primeiros textos uma estrutura que se repetia. Na introdução do artigo, o cronista iniciava o assunto de um ponto de vista generalizante, normalmente apresentando, de forma breve, o autor e/ou a obra em destaque. Na sequência, o desenvolvimento do texto contava com uma análise, também breve, da obra e, em se tratando de um escritor em especial, de algumas características recorrentes de seu estilo. Era comum que Machado indicasse os pontos nos quais se deveria trabalhar, por exemplo, no aprimoramento das rimas, na construção mimética das personagens; enfim, conselhos sutis que o crítico tencionava em favor do amadurecimento dos autores. Percebemos, nesse sentido, críticas mais amenas e menos enérgicas, embora seja possível reconhecer traços de ironia em alguns de seus apontamentos. Acreditamos que tal recurso tenha sido utilizado na ânsia de não desestimular os escritores, uma vez que o intuito da seção era justamente promover esse cruzamento entre crítica, autor e leitor. Por fim, os textos acabavam com um convite à leitura da obra e/ou com um encorajamento para que o escritor continuasse a produzir.

Além de importante espaço para colocar em prática seu projeto de crítica literária, a coluna de 1866 chama atenção porque Machado, pela primeira vez, deu a sua opinião sobre as mulheres escritoras. No dia 3 de abril, ele despendeu elogios à peça teatral de Maria Ribeiro, cuja encenação no Theatro Gymnasio contara com sucesso de público e naquela ocasião tinha sido publicada em livro. Defendeu, ainda, a opinião de que a crítica era mais severa quando se referia à autoria feminina, confirmando o fato com a citação da epígrafe do drama *Cancros sociais* (1866), retirada da obra de Madame de Staël: “Quando uma mulher publica um livro, ela se coloca na

dependência da opinião, cujos proferidores a fazem sentir duramente a influência deles”.²

Machado, no entanto, questionou a legitimidade dessa rigidez por parte da crítica, destacando *Corinne*, de autoria staëliana, e *Indiana*, de George Sand, como exemplos de sua argumentação, uma vez que se tratava de produções de grande valor literário, que obtiveram uma boa recepção por parte dos leitores contemporâneos.

Na tentativa de desconstruir a fatídica afirmação da ensaísta francesa, o colunista da “Semana” analisou alguns pontos altos do drama de Maria Ribeiro, como a elaboração complexa das personagens, destacada na comparação a uma peça de José de Alencar, por exemplo, já que ambas abordavam a mesma temática da escravidão.

Na terça-feira seguinte, dando continuidade às suas observações, o crítico escreveu que era um engano pensar que não havia muitas mulheres escritoras. O que acontecia era que as mulheres, em geral, não recebiam uma instrução formal adequada, suscitando a hipótese de que, assim que elas passassem a ter essa educação intelectual, à qual tinham acesso os homens, elas seriam em grande número e produziriam boas obras.

Se não as há em abundância, também não são raras as escritoras em nosso país; e se ainda não tivemos uma Staël, nem por isso deixa de haver talentos notáveis. Estamos certos de que os resultados seriam mais brilhantes, se acaso fosse mais larga a educação intelectual; havia lugar para se manifestarem os verdadeiros talentos, quando os houvesse; e em caso contrário, os estudos adequados, regulares, próprios não seriam nocivos ao espírito das esposas e das mães de famílias. Há uma opinião, aliás partilhada por homens de muito talento, entre os quais contamos amigos especiais, que entende dever-se excluir a mulher dos exercícios literários; não são estes os nossos sentimentos; a contemplação do belo não é incompatível com a prática da moral; que os romances de pacotilha possam ter influência nociva nos costumes, sendo além disso a expressão das sociedades estranhas e decadentes, isso cremos nós; mas o amor da boa arte não pode deixar de elevar e fortalecer as virtudes austeras e o exercício do bem. (ASSIS, 2013, p. 275)

² Lê-se no original: “Quand une femme publie un livre, elle se met tellement dans la dépendance de l’opinion, que les dispensateurs de cette opinion lui font sentir durement leur empire” (STAËL, 1800, p. 144-5).

Além de criticar a opinião de “homens de muito talento”, o cronista estabeleceu um padrão de referência: Madame de Staël. Em outras obras machadianas, sobretudo em outros artigos e ensaios, encontramos a alusão à escritora francesa e, na maioria das vezes, ela representava um apelo à autoridade, não só como exemplo de intelectualidade feminina, mas também como modelo de escrita. Acreditamos, de igual forma, que os ensaios de Madame de Staël tenham contribuído muito para a formação de Machado de Assis enquanto crítico literário. A preocupação de estabelecer relações entre a literatura nacional e a estrangeira serve para ilustrar essa aproximação entre ambos os autores.

Como era de costume na “Semana Literária”, o jovem colunista buscou encorajar os escritores nacionais. Da mesma forma, ele o fez com Adélia Josefina de Castro Fonseca, poeta brasileira. O trecho que acabamos de ler, na verdade, era a introdução do artigo, todo dedicado à escrita de autoria feminina, dando atenção especial para poética de Adélia.

Ao tentar encorajar a poeta, Machado chamava a atenção: “No estado atual das coisas, quando uma senhora cultiva as letras, séria e conscienciosamente, a crítica não pode deixar de louvá-la e animá-la” (ASSIS, 2013, p. 275). Essa, portanto, era a função da coluna: promover a prática literária, independente do sexo de seu autor.

Ecos da minha vida, a obra de Adélia analisada pelo cronista da “Semana”, foi a certa altura denominada de “livrinho”, o que causa estranhamento na crítica positiva à poeta que se fazia até então. Contudo, é preciso considerar que, na crônica, Machado também chamava a atenção do público sobre a escrita da autora que se distanciava de uma prática comum entre as mulheres que se dedicavam às letras: a tentativa de aproximação do estilo masculino em voga e aclamado pelo público.

Na ânsia de serem aceitas em uma sociedade patriarcal, que não via com bons olhos nem o desempenho intelectual nem o profissional das mulheres, uma vez que a elas cabia somente o cuidado com os afazeres do lar, muitas escritoras procuraram se disfarçar adotando pseudônimos masculinos. Alguns casos são bastante conhecidos na literatura mundial, como as irmãs Brontë, Charlotte, Emily e Anne, as quais assinaram o livro *Poema*, publicado em 1846, com os nomes de Currer, Ellis e Acton Bell. Ou como a francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, mais conhecida enquanto George Sand, que assinava suas obras com nome de homem, vestia-se como um e fumava em lugares públicos, atitude proibida para as mulheres de seu tempo.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados para ilustrar o quanto era desafiador para uma mulher do século XIX se manter ativa dentro da literatura e, com isso, conquistar o reconhecimento merecido. O uso de pseudônimos masculinos, nesse sentido, era a condição que lhe permitia a mínima aceitação necessária para dar prosseguimento a seu trabalho. Não à toa, muitas escritoras acreditavam na superioridade masculina, de modo que o novo nome que escolhiam servia mais do que um disfarce, era uma espécie de garantia que elas tinham a mesma capacidade intelectual e literária dos homens.

Machado de Assis, então, elogiou justamente o fato de Adélia exprimir uma “verdadeira individualidade feminina” e não tentar, dessa forma, imitar uma escrita masculina, ou como prefere o cronista, com “pompa afetada” e “tons másculos”.

Na introdução de *Elogio da diferença*, Rosiska Darcy de Oliveira (2012) observa a ambiguidade algo inerente às mulheres que, durante toda a História, sejam elas ficcionais ou reais, intentam romper a barreira do mundo masculino a fim de serem respeitadas como iguais. Dessa maneira, a mulher busca permanecer nos espaços considerados pertencentes ao homem; contudo, as diferenças entre eles são visíveis, e para se encaixar nesse novo ambiente seria preciso se adaptar. Ao perceber que almejando a igualdade revelam-se divergências, a mulher nota a necessidade de ter controle sobre um discurso que não é seu, — mas do dominante, logo, masculino, — para se fazer ser ouvida e respeitada.

Uma das primeiras grandes conquistas femininas, a escrita, foi, por muito tempo, uma prática permitida entre as mulheres, pelo menos para aquelas da alta sociedade. Segundo Stéphane Michaud (1998), no século XVIII, a possibilidade de escrever cartas, — que eram elaboradas, às vezes até mesmo abandonadas no interior de seu quarto — devido a seu caráter intimista e confidencial, propiciou a abundância das correspondências, que se estendem ao longo do século XIX, inclusive de modo mais ousado. Sendo assim, da esfera privada, a atividade epistolar abriu portas para o ingresso feminino na literatura e, como consequência, na participação de sua própria escritura, ganhando, então, o espaço público.

Complexo, o movimento entre espaço público e privado é um tema discutido intensamente em nossa História, a partir do qual se ambiciona também uma compreensão mais ampla da humanidade. A linha que divide um e outro, com gêneros, idades, classes, parece relativamente estabilizada dentro das sociedades, e tentar transpô-la apresenta-se como um ato revolucionário. Para que essa travessia aconteça, faz-se imprescindível o perfeito domínio dos códigos que exprimem a visão universal escondida atrás dos interesses de determinado grupo social. Dessa forma, a mulher só poderia

conquistar a legitimidade de sua voz quando empregasse a linguagem vigente, — no caso, a masculina.

Rosiska alerta, no entanto, para o paradoxo desse exercício: “falar bem a língua dos homens é pôr em risco o seu reconhecimento enquanto mulher. Falá-la mal é expor-se ao ridículo profissional” (2012, p. 99). Isso porque aprender a linguagem masculina, isto é, aquela utilizada nos ambientes públicos, é o mesmo que empregar um idioma estrangeiro, pois a experiência pública não é algo que se acredite pertencente natural e culturalmente às mulheres.

Machado de Assis, ao evidenciar que a crítica literária era mais severa com as autoras e que “homens de grande talento” de sua época defendiam o seu distanciamento das letras, é uma mostra contundente das palavras de Rosiska. Por mais talentosa que Adélia pudesse se apresentar, a sua condição primeira de mulher era obstáculo suficiente para fazer com que ela não fosse, ao menos, cogitada como possibilidade de leitura. Mesmo que ela conseguisse atingir algum público, poderia estar certa de que sua obra seria lida com desconfiança e, muito provavelmente, má vontade. Ademais, tanto o estilo empunhado quanto o assunto de suas poesias pareciam estranhos àquela sociedade patriarcal, porque revelavam preocupações, interesses, desejos, muitas vezes distantes daqueles vigentes no momento.

A existência de duas linguagens, uma masculina e outra feminina, justifica-se não só pelo emprego diferente como também pela intenção distinta com que homens e mulheres as utilizam. Segundo Rosiska, os sociolinguistas Robin Lakoff, Nancy Henley e Marina Yanguello, apesar de partirem de perspectivas diversas, tendem a concluir que uma mudança ocasionada nos papéis sociais desempenhados por ambos os sexos apagaria as diferenças linguísticas entre eles. Rosiska, todavia, não concorda com esse posicionamento, pois as mulheres ainda continuariam a viver em dois mundos, exercendo funções próprias de cada um deles. A autoria insiste, ao contrário, no respeito às diferenças sem que haja sua hierarquização.

Polêmica, a questão do uso da língua conforme o sexo divide a crítica feminista, inclusive dentro de uma mesma cultura. A crítica feminista norte-americana, por exemplo, é unânime e não simpatiza com a ideia de que a escrita ou a fala da mulher seja inerente a seu sexo biológico, enquanto na escola francesa, é possível encontrar as duas opiniões. A defesa da linguagem tipicamente feminina se pauta na expressão de sentimentos, pensamentos e interesses diferentes daqueles pregados pelo discurso dominante e, por isso, poderia se apresentar enquanto recurso empoderador das mulheres. Em contrapartida, ao se definir a existência de duas linguagens, abrem-se portas

para a comparação e o exercício de poder de uma sobre a outra, tal como nos tem mostrado a História.

O cronista defendeu a escrita ímpar e sensível de Adélia enquanto expressão de um estilo de poesia, isto é, de tom pessoal, íntimo e sentimental. Machado de Assis colocou-se, assim, favorável a esse tipo de manifestação literária, visto que a exaltação do sentimento era uma maneira de também se atentar para a alma humana, de modo mais universal do que parecia à primeira vista. Para endossar seu argumento, comparou a poeta com Petrarca e Lamartine, mestres da arte lírica.

Após tecer seus comentários positivos a Adélia, o colunista da “Semana” utilizou da ironia ao transcrever um poema de Gonçalves Dias oferecido a ela. Justificou tal ato da seguinte forma: “Muita gente haverá que não conheça ainda cabalmente o nome da autora deste livrinho; mas todos conhecem decerto estes formosos versos de Gonçalves Dias” (ASSIS, 2013, p. 276).

O puxão de orelha no leitor era algo que fazia parte da crítica literária machadiana, que culpava a falta de interesse daquele pela leitura, em especial dos escritores nacionais, como um agravante para a escassez de produção de obras autenticamente brasileiras. Não à toa, uma das soluções para o problema apontada por Machado de Assis recaía na prática constante de crítica literária nas páginas dos jornais de sua época a fim de incentivar o aparecimento de novos autores e, ao mesmo tempo, a curiosidade e o apreço do público pelas letras locais. A imprensa periódica estaria, assim, no centro da propagação de nossa literatura, construída de forma emancipada, reveladora de aspectos capazes de atingir o universal e o particular de uma só vez.

Apesar de ter retomado o poema de Gonçalves Dias para Adélia, não chegou a transcrever nenhum poema da escritora, que era o assunto central da crônica em questão. Com isso, podemos perceber um movimento ambíguo percorrido por Machado nesse artigo. É possível notar a sua crítica ao público por não conhecer os versos de Adélia, ao passo que certamente sabia da existência do poema de Gonçalves Dias dedicado a ela. Ao mesmo tempo que julgou essa atitude dos leitores, ele recorreu a toda autoridade conferida ao poeta indianista para chamar atenção sobre a autora de *Ecos da minha vida*. Neste último caso, o posicionamento machadiano poderia ser interpretado como uma confirmação da crença na suposta superioridade masculina, uma vez que o reconhecimento de Adélia viria após a sua associação a Gonçalves Dias. Até mesmo a comparação da autora com Petrarca e Lamartine se construiu a partir da ideia de filiação, de modo que o estilo utilizado por Adélia só foi enaltecido devido à sua aproximação com tais mestres da literatura clássica, conferindo a ela, portanto, valor literário.

De qualquer forma, o texto é repleto de comentários a favor da poética de Adélia. O crítico até chegou a sugerir alguns reparos nos “versos frouxos”, que representam uma pequena porcentagem de sua obra, já que a maior parte dela é bem versificada. Concluiu, então, com o habitual incentivo para a persistência da autora no âmbito das letras:

A autora deste livro não esqueceu que a sensibilidade devia ser o primeiro elemento de seus escritos; fê-lo: é um livro sincero, sobre ser um livro de talento. [...] há nele muita harmonia, muita sensibilidade, inteligência esclarecida, pronunciada vocação. Que a autora não interrompa os seus trabalhos literários; corre-lhe o dever de desenvolver ainda mais o seu talento poético, e dar, em novas provas, um exemplo profícuo às letras brasileiras. (ASSIS, 2013, p. 277)

Por fim, é importante ressaltar que Machado de Assis afirmou que fora “obrigado a adiar para mais tarde o estudo das obras dramáticas do autor do *Cego* e do *Cobé*” (ASSIS, 2013, p. 277), uma vez que no artigo só havia abordado a escrita de Adélia Josefina de Castro Fonseca. Esse fato por si só, se não revela certo descaso do crítico com relação a Joaquim Manuel de Macedo, — a quem tecia comentários às vezes bastante duros — ao menos já indica a sua intenção de se colocar em prol da autoria feminina, trazendo como exemplo a poesia de Adélia. Nesse sentido, o caminho traçado pelo cronista se contrapõe ao fato de ter transcrito os versos de Gonçalves Dias oferecidos à escritora, endossando a ambiguidade presente na postura machadiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais uma vez, apresenta-se a impossibilidade de uma classificação segura acerca do posicionamento de Machado de Assis. Não intentamos com o presente texto demonstrar que o cronista tinha preocupações feministas, por exemplo. Antes, gostaríamos de trazer para a discussão algumas das questões elencadas pelo escritor fluminense na multiplicidade de sua produção.

Encontramos estudos machadianos que buscam compreender como a figura feminina é representada nas suas obras ficcionais: a mulher esperta que usa de suas qualidades para alcançar seus objetivos; a viúva que vê na sua condição um elemento libertador de seu papel na sociedade; enfim, no geral, mulheres inteligentes, fortes, à procura de se afirmarem diante

daquela sociedade patriarcal e opressora, mas que dentro do ambiente doméstico poderia conceder a elas função de destaque.

Dessa forma, vale a reflexão sobre a postura de Machado de Assis enquanto crítico de escritoras femininas. Aparentemente, o autor se mostrou favorável à permanência das mulheres no meio intelectual, garantindo que havia muito a ganhar com isso. Aliás, esse é um pensamento também compartilhado por Madame de Staël, que sinalizava, tal como o cronista, para a falta de instrução formal das mulheres daquela época fator agravante de sua condição e de seu afastamento da prática literária. A ensaísta francesa, ironicamente, afirmou em *De la littérature*, que o único perigo que os homens corriam risco, caso as mulheres passassem a escrever, seria a comprovação da existência de uma superioridade feminina nas letras.

Tanto Madame de Staël quanto Machado de Assis diferenciavam a escrita das mulheres daquela praticada entre os homens. A divisão de papéis e, inclusive, de formas de se expressar frente ao mundo segundo o sexo biológico, é uma marca temporal de ambos os escritores. Por isso, não há a intenção aqui de apontá-los enquanto críticos sexistas; ao contrário, pretendemos mostrar como mesmo em se tratando do século XIX, é possível notar o comportamento machadiano (e, em última instância, staëliano) a frente de seu tempo, evidenciando que a sua principal preocupação recaía na construção sólida de uma literatura nacional, cuja colaboração séria, independente do gênero de seu autor, era sempre muito bem-vinda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AZEVEDO, Sílvia M.; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela M. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

CAMBRONNE, Laurence. *Madame de Staël, la femme qui faisait trembler Napoléon*. Paris: Allary Éditions, 2015.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 19 mar. 2018.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Mulheres públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998. (Prismas).

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

STAËL, Madame de. *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. 2 ed. rev., com. e aum. Paris: Maradan, 1800. (Gallica). v. 1 e 2.

_____. *De l'Allemagne*. Introd. Simone Balayé. Paris: Garnier-Flammarion, 1968.

ZOLIN, Lucia O. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: EdUEM, 2005. p. 181-203.

Data de recebimento: 17 de março de 2018

Data de aprovação: 30 de abril de 2018